

Bernd Fichtner

**PRATICAS CULTURAIS PARA UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL
Antinomias da „Diversidade Cultural“ – Problemas e
perspectivas¹**

“Cada ser humano é, em certos
aspectos
como todos os outros seres humanos
como alguns outros seres humanos
como nenhum outro ser humano”

Eu gostaria de relacionar este „Leitmotiv“ (maneira essencial de trabalhar) com o tema da minha palestra, já que isto me ajudaria a estruturar a mesma.

Começarei com um aspecto geral: No processo atual de globalização existem duas dinâmicas contrárias.

Motor de uma dinâmica é a organização do sistema da economia mundial capitalista, atualmente se articula sobretudo nas praticas das Multinacionais e no nível social por meio do GATS (“General Agreement in Trade on Services”). Objetivo e função principal dessa dinâmica é homogeneizar todas as diferencias culturais e no nível mundial construir normas e valores universais que serão determinados por uma categoria principal: a mercadoria.

A outra dinâmica da globalização esta relacionada diretamente com a realidade de Diversidade Cultural, com a sua relevância e sua importância exata nesse contexto. A relevância da Diversidade Cultural é devida a globalização. Seria impossível pensar 30 anos atrás que a diferença dos desenvolvimentos culturais, sociais e econômicos nas diversas regiões do mundo, representassem um problema principal e ao mesmo tempo um possível potencial.

Os seres humanos vivem hoje simultaneamente em culturas diferentes e é preciso vivenciar as contradições e conflitos na sua vida cotidiana. Uma consequência da globalização é a necessidade de construir uma plataforma de entendimento complexa sobre a alteridade dos seres humanos e a Diversidade Cultural.

¹ Palestra para “Semana de Educação”na faculdade de USP - 22. de setembro 2008

A lógica, os passos da palestra: Num primeiro passo vou criticar o moralismo e a normatização que atualmente é muito comum e que encontra-se nos conceitos de Diversidade Cultural. Num segundo passo vou concretizar brevemente as antinomias da práxis de Diversidade Cultural. Isso possibilita num terceiro passo de falar sobre o lado obscuro de Diversidade Cultural com seu enfoque da “identidade coletiva” na “raça”, “gênero” e “etnia”. No quarto passo aparecem as perspectivas alternativas, as possibilidades das praticas de Diversidade Cultural como mediação do universal e do individual. E no ultimo passo da minha palestra gostaria apresentar duas culturas de aprendizagem de crianças – radicalmente diferentes como exemplos de “Diversidade Cultural”.

1. Moralismo e normatização na conceitualização de Diversidade Cultural

A realidade da Diversidade Cultural abrange uma complexidade de fenômenos e práticas sociais e ao mesmo tempo encontramos uma área de inúmeros conceitos e definições. As pesquisas e os estudos sobre Diversidade Cultural tem um problema serio, falta um sistema epistemológico claro e preciso. Definições atuais reduzem “Diversidade Cultural” a raça, gênero e etnia; outras definições tematizam todas as possíveis diferenças entre os seres humanos. A práxis da Diversidade Cultural é mais rica, complexa e contraditória que as conceitualizações e definições formais que se fazem delas.

As definições correm atrás dessa práxis com uma certa arrogância formal, com o poder da investidura que as disciplinas científicas tem para definir algo. Para mim a historia dos conceitos não é uma historia de definições mas um espelho da historia da sociedade, sobre tudo da historia das formas da práxis dessa sociedade. Conceitos fundamentais, denominarei *categorias*, que não podem ser inventadas ou definidas aleatoriamente pela cabeça de um acadêmico.²

² Categorias não se pode inventar cognitivamente . Elas são resultado de um processo histórico-social. A universalidade sua é literalmente trabalhado, elaborada pela sociedade; A sua universalidade é resultado de uma „prova pratica”. Categorias não se desenvolvem primariamente como formas ou modelos de pensar, mas como modelos de atividades. Elas são programas extremamente generalizados de atividade humana. A historia ou a construção de categorias é um processo de atuar, que se realiza próprio na diferentes contextos na vida material e ideal de uma sociedade. Na sua forma conceitual e lingüística o status de ser categoria dessas esquemas ou modelos de atividade torna se explicito. Neste nível se realiza um transformação especifica, um uma trabalho particular. Formas e resultados e de uma

Hoje, a „Diversidade Cultural“, está num processo de uma passagem , uma transformação de um conceito a uma categoria fundamental.³

Num primeiro olhar das definições e conceitos de „Diversidade Cultural“ encontramos uma tendência forte de considerá-la um bem, uma herança, um capital que precisa ser protegido. Podemos verificar três motivos:

Primeiro: Sabemos que a biodiversidade é valorizada por si só. As pessoas valorizam a infinita variedade da vida vegetal e animal no planeta, simplesmente porque ela está lá. De mesma forma a variedade de expressões culturais é visto como importante **per se**.

A segunda fonte de valor está na interconexão do mundo cultural. Nenhuma espécie existe isoladamente; as culturas tampouco. Se as espécies são isoladas uma das outra, elas estagnam e morrem- o mesmo acontece com as culturas. Portanto as redes de relacionamentos tanto na esfera biológica como na esfera cultural, são valorizadas.

Finalmente, a biodiversidade é valorizada porque algumas espécies *podem* ter valor econômico ainda não reconhecido.⁴

Considero estas analogias totalmente erradas, falsas e enganosas.

Numa perspectiva filosófica e antropológica estas analogias são muito problemáticas: a diferencia entre natureza e cultura é negada e com isso qualidade de cultura, de culturas e d Diversidade Cultural. Considerar a Diversidade Cultural como um valor em se mesmo, como uma herança, que deve ser conservada, - sem tematizar os processos e atividades contraditórias do desenvolvimento dela , tem muito em comum com um cemitério e um museu. Moralismo e normatização relacionam–se aqui com um conceito de cultura como substancia. A metáfora do orchestra clarifica isso: Os membros do orchestra, os actores culturais tem a tarefa de realizar e apresentar a musica da cultura na base da partitura já pronta e preestabelecida. Quando

pratica se transformam numa razão explicita de um conhecimento ou mais preciso de uma relação entro conhecimentos. Aqui eles tornam-se em „objetos ideais“ quer dizer em categorias.

³ Por exemplo: 50 anos atrás o conceito do texto era um conceito extensional relacionado à objetos concretos, hoje o conceito de texto mudou para um conceito teórico muito complexo, assim ele hoje é uma categoria

⁴ veja por exemplo David Throsby na conferencia mundial, agosto 2002 em Johannesburgo.

esses membros encontram membros de um outro orchestra normalmente surgem erros, surgem sons errados.

Como escapar e evitar tal moralização e normatização??? Uma primeira resposta: Entrar nas antinomias da práxis de Diversidade Cultural.

2. As Antinomias da Práxis de Diversidade Cultural

No sentido original a palavra Antinomias significa uma contradição lógica entre duas sentenças onde cada uma delas deve ser considerada como uma verdade. Uma antinomia apresenta duas propostas que são radical e absolutamente diferentes. Se deve aceitar uma ou outra.

As antinomias da Diversidade Cultural ficam mais claras se tentamos entendê-las a partir da palavra “diverso”. Uma indicação importante encontrei no artigo do Francês François de Bernard “

„Por uma redefinição do conceito da Diversidade Cultural“. Ele faz uma relação com o adjetivo latim „*diversus*“ e o verbo latim „*divertere*“.

„ *Divertere é tomar uma direção diferente, soltar-se, separar-se, afastar-se. Há uma constância da dimensão, do movimento e da luta, mas também, simplesmente da vida, que nada tem a ver com a pura constatação contábil, se não administrativa, da variedade ou da multiplicidade.*” (2005, 75)

Na base dessa etimologia Francois Bertrand propõe como aspecto essencial de “Diversidade Cultural”:“*A Diversidade Cultural pretende ser dinâmica, e sê-lo sem cessar, sem o que ela se reduziria à forma morta do inventário patrimonial* (2005,76).

Em poucas palavras: A questão do o que é diferente na “Diversidade Cultural” tem haver com “pegar uma outra direção”, separar-se, distanciar-se, solver-se de algo. O “diferente” tem a dimensão de um movimento, de uma luta, de um conflito mas também simplesmente com a vida, com o vivo bem contrario com uma variedade burocrática ou multiplicidade técnica.

Da dimensão do movimento resulta para mim uma certa ambigüidade, que resulta das condições internas da dinâmica da “Diversidade cultural”.

„Diversidade Cultural pode quebrar, perturbar , pode ser destrutiva *ou* pode ser o centro de uma “politeia”, o centro de uma comunidade.

È necessário entender „Diversidade Cultural“ na sua dinâmica, na sua complexidade como contribuição específico da elaboração do que nos chamamos realidade (veja por exemplo “Diversidade Cultural Brasileira” 2005).

3. „Diversidade Cultural“ e o princípio da identidade coletiva.

Podemos começar com os lados escuros da dinâmica da “Diversidade Cultural.

Um olhar europeu encontraria aqui fenômenos sociais assustadores que se repetem no velho continente. Na historia do nacionalismo em Alemanha encontramos uma variedade de diferentes formas de campos de concentração, uma variedade complexa de diferentes formas de tortura, uma rica variedade de diferentes de humilhação, submissão e deshumanidade. Isto poderiam ser chamadas de formas de Diversidade Cultural?

No Brasil se encontra algo que é único no nível mundial, como “o dia do cigano”, em Europa encontramos exemplos dramáticos nos quais ciganos são tratados literalmente como escravos, por exemplo em Espanha e Bulgária.

Em Bulgária 7,6 milhões de cidadãos 650 mil são ciganos a cota de desempregados no ciganos é de 71%, dois terços deles tem uma renda de menos de 50 euros por mês. Os muitos programas para a integração dos ciganos não tem nenhum resultado. Os preconceitos não foram superados.

Atualmente se encontra nas grandes cidades de Bulgária grupos chamados “Associações de Voluntários” que uniformados como os “Jovens de Hitler” (HJ) praticam atos de violência contra os ciganos. A violência contra os ciganos adquire normalidade.

Na Alemanha encontramos novas formas assustadoras de neonazismo, encontramos uma rica Diversidade Cultural de ideologias, atividades de diferentes grupos. Os neonazistas acreditam que existe realmente uma desigualdade **natural**, **genética**, ou **étnica** baseada na natureza nas diferentes raças, etnias quer dizer quer dizer determinadas nações ou raças ou etnias tem mais valor que outras. Diferencias étnicas, culturais, espirituais e

corporais fundamentam o dar menos valor e um estado de direito menor a determinados indivíduos ou grupos.

Depois da reunificação da Alemanha (1989) diferentes grupos de extrema direita construíram novas áreas de atividades, desde 1990 se percebe um aumento de crimes, violências e agressões na Alemanha.

Que tem em comum todas essas formas? São culturas que *exigem uma identidade coletiva e defendem esta identidade coletiva. Se trata de forma de uma política de identidade.*

Independentemente de diferenças importantes, células neonazistas e grupos que lutam para os direitos das lésbicas surpreendentemente tem algo em comum. Ambos defendem a sua cultura como identidade coletiva.

Se uma característica especial, diferente é considerada como um absoluto necessariamente, a alteridade dos outros aparece uma ameaça. Na *perspectiva da identidade* a Diversidade Cultural mostra que a identidade nacional, sexual, étnica, regional é considerada um valor positivo. A consequência lógica: as culturas aparecem como áreas de luta, como áreas de um particularismo militante (raça, opção sexual, etnia, etc.).

Europa em uma perspectiva de “identidade coletiva” fez experiências muito problemáticas com “Diversidade Cultural”, as regiões dos Balcãs ou do Cáucas, mostram quais são as consequências do reconhecimento de etnias na perspectiva de *identidade coletiva*.

A palavra etnia se relacionou em Bosnia ou Cosovo com praticas de barbárie, de genocídio e com a retomada de um nacionalismo violento e populista, que terminou em guerras civis cruentas e sangrentas. Esta tendência no nível mundial se expande como por exemplo nos países africanos como Angola (desde 1975 ate 1990 : 500 Mil mortos por causa dos conflitos entre três etnias⁵ – conflitos instrumentalizados por o os EUA e a União Soviética).

É necessário tematizar e esclarecer brevemente o conceito da identidade coletiva e a sua função no contexto de “Diversidade Cultural”.

⁵ Se trata de povos indígenas ovimbundu, que adotava um curso pró-Occidente, o povo indígena mbundo, que adotava um curso da União Soviética e o povo indígena bakongo orientado por os EUA.

Excursionando no conceito de identidade coletiva:

A respeito do conceito “identidade” e “identidade coletiva” como conceitos normativos e morais gostaria de apresentar algumas palavras chaves. O conceito identidade conquistou na sua historia novas funções surpreendentes⁶. De um termo vindo da psicologia no inicio da década de 50, criado pelo psicólogo Erikson, mudou-se em um estereotipo do discurso que se colocava em todos os níveis da sociedade a partir dos mass-medias. Identidade como uma norma moral indispensável: *se deve ter uma identidade*. (Identidade do homem, identidade da mulher, identidade local, regional, nacional, etc.)

No entanto a essência do conceito da identidade ficou oculto. Não se fala sobre o aspecto que a identidade é construída pela diferença, isso fica mais claro no conceito da “identidade coletiva”: que aparece como algo natural, algo valioso, algo com o qual nós conseguimos diferenciar-nos, colocar limites frente a outros (p.ex: nós os alemães e os outros; nós os alemães e os ciganos; nós os alemães e os judeus, etc.).

Numa perspectiva provocante também: nós negros temos que diferenciar-nos dos brancos, dos indígenas, etc. Nós lésbicas temos que nos diferenciar das heterossexuais.

Identidade coletiva coloca uma homogeneidade que encobre a complexidade interna. A construção de identidade coletiva conduz a uma des-individualização, a uma normatização a um tipo ideal.

A determinação da “identidade coletiva” é normalmente baseada no poder. As condições ideais de tal determinação se encontram nos campos de concentração. Pelo corte do cabelo, pela uniformização, pelos horários, pela alimentação, o grupo é totalmente igualado, os membros dos grupos são categorizados como homossexuais, ciganos, judeus, comunistas ou deficientes. A individualidade de cada um é reduzida ao número do prisioneiro inscrito na sua pele.

O que é assustador na conjuntura atual deste conceito não é a sua pobreza teórica mas o que ele oculta, o que ele não apresenta, o que ele tem sobre-entendido. A “identidade coletiva” tem dentro de si a tendência para o

⁶ Esse processo histórico-social do conceito infelizmente não e tematizado nos estudos sobre “Identidade e diferença” – veja Tomaz Tadeu da Silva (2007).

fundamentalismo e violência. Desde a década dos anos 80, constatamos o avanço deste conceito na sociedade por um lado e ao mesmo tempo pelo outro um reducionismo interno do conceito.

Sobre tudo em Europa este processo é acompanhado por uma internacionalização e expansão de lutas que são culturalmente definidas como Guerras de Cultura (veja Huntington 1996).

A identidade da “identidade” não se encontra no nível das ciências da psicologia, as suas raízes estão ocultas na conjuntura atual, no discurso atual onde se encontra num “espaço de ressonância”- (a teoria do discurso) -. Este espaço de ressonância foi criado nos últimos 50 anos a partir de um discurso que evidenciou as contradições de forma mais radical.

Como é possível que nos consigamos comparar objetos totalmente diferentes como muitos filês mignon, um carro ou uma casa como algo idêntico? Como é possível que A é idêntico a B ?

A economia do sistema capitalista faz que objetos totalmente diferente sejam carimbados de forma igualitária como mercadorias. O conceito identidade representa uma relação de troca de mercadorias.⁷ As limitações, as contradições, as radicalizações do sistema econômico no processo dos últimos 50 anos, são presentes em todas as formas nas quais identidade se articula.

Sempre quando o principio da “identidade coletiva” determina uma área de Diversidade Cultural, encontramos formas de uma prática que apresentam uma relação com três estratégias típicas, três estratégias de redução de alteridade.

Essas três estratégias foram desenvolvidas na história de Europa e determinam até hoje, além de Europa no nível mundial formas da convivência dos seres humanos.

Se trata de: *egocentrismo, logocentrismo e etnocentrismo.*

⁷ Sem tematizar explicitamente o segredo da “identidade” na mercadoria Zygmunt Bauman (2007) revela um dos segredos mais dissimuladas da sociedade contemporânea: a sutil e graditativa transformação dos consumidores em mercadoria. As pessoas precisam s submeter a constantes remodelamentos par que, ao contrario de roupas e produtos, que rapidamente saem da moda, não fiquem obsoletas: Bauman analisa ainda o impacto da conduta consumista em diversos aspectos da vida social: política, democracia, comunidades, parcerias, produção e uso de conhecimento e também na construção de identidade

Egocentrismo: Norbert Elias, Foucault, Beck e outros descreveram detalhadamente os fatores da constituição do sujeito moderno como tecnologias do “Self” um Eu como centro autônomo, baseado em si mesmo.

Essas tecnologias do *Self* apresentam fatores essenciais de reduzir Diversidade Cultural e de ignorar diferenças. O outro e a alteridade são reduzidos a sua utilidade, funcionalidade e disponibilidade.

Logocentrismo: perceber o outro e a alteridade pelos critérios de racionalidade européia, aceitado é só aquilo que se comporta de acordo com as leis de uma razão instrumental. Formas de um pensamento que não seja racional valem como irracional e sem sentido. A relação dos “civilizados” frente aos “primitivos”, dos “sadios” frente aos “doentes”, dos “adultos” frente às “crianças”, todas essas relações são determinadas por essa lógica.

Etnocentrismo é provavelmente a estratégia européia que destruiria ao longo de 500 anos e da maneira mais brutal, sobretudo aqui na América Latina, as formas de alteridade e diferença. Sobre aqueles valores, imaginários, religiões, e rito dos indígenas, foram colocados os valores e formas da cultura européia. Muito pior ainda foi o que foi feito ao longo desses 500 anos com o continente africano, onde não somente tiraram todo aquilo do que privaram aos indígenas como ainda o próprio território, levando em caráter de pouco menos que animais seres humanos para um mundo absolutamente diferente onde lhes foi proibido todo e qualquer exercício da sua humanidade e diferença.

Egocentrismo, logocentrismo e etnocentrismo estão entrelaçados um com o outro, de forma tal que é especialmente difícil perceber o quanto está arraigado no pensamento moderno. Esta trilogia se reforça mutuamente. A função comum às três é o de destruir a alteridade. O conceito da identidade funciona, trabalha como princípio unificador e como a lógica deste entrelaçado.

Podemos encontrar uma alternativa a este estado das coisas? Uma alternativa que não seja normativa ou que não seja moralista?

A prática da “Diversidade Cultural”, como mediação entre o universal e o individual

4. A práxis da „diversidade “cultural” como mediação entre o individual e o universal.

Apresentarei a seguir algumas hipóteses teóricas e filosóficas que descrevem uma alternativa para as práticas determinadas pelo princípio de „identidade coletiva“.

A concretização dessas hipóteses por exemplos práticos vou apresentar no ultimo passo do capítulo 5.

No primeiro lugar não encontramos a realização da identidade, nem o que é específico do gênero, raça ou etnia, mas pelo contrário, o individual na sua relação com o universal. Tematizar o que é único de um fenômeno, de uma prática cultural exige debelar o que o seu núcleo, significa realizar ou representar o individual de uma maneira que remeta o universal nele.

O individual e o universal aqui se entrelaçam de uma forma particular. O universal é o que faz a todos os seres humanos, seres humanos, não é simplesmente o contrário do individual, porém muito mais que isso, é o seu próprio paradigma..

Individualidade é o “médium” da universalidade, contrariamente o que é particular é sempre por acaso.

A pratica da “Diversidade Cultural” tem muito em comum com a lógica da arte. A arte sempre realiza uma mediação direta entre o individual e universal negando o que é particular.

A Arte transforma a contingência do que é individual em algo necessário, transforma dependência em liberdade.

Três exemplos :

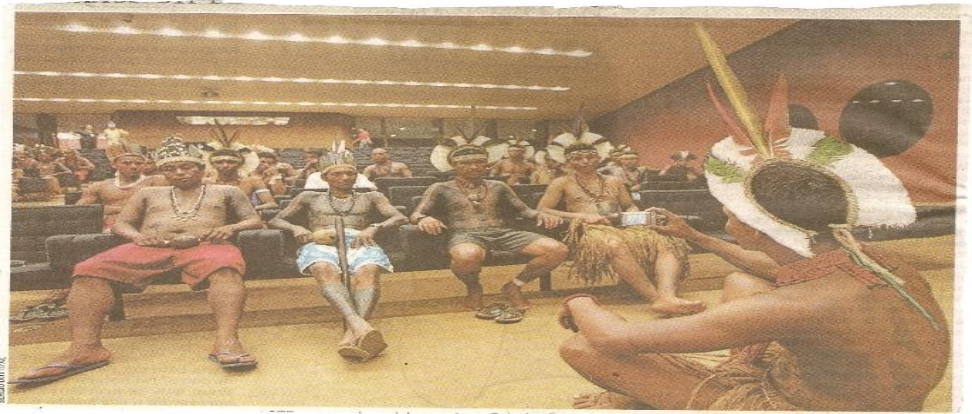
- Lea Bareto “o jardim de infância”
- Velasques “As Meninas”
- Índios brasileiros do povo da patoxá hã-hã-hae.



Lea Barreto "Jardim de Infância"



Velásquez: Lãs Meninas



Índios da etnia *patoxa hã-hã hae* se reúnem no congresso em Brasília . Eles pretendem ir hoje ao STF acompanhar o julgamento de ação que vai definir os limites da reserva indígena Caramuru-Catrina-Parguacu, no sul de Bahia. Folha de São Paulo 24 d setembro 2008

O individual è o universal?

A pratica da “Diversidade Cultural” abre um espaço antropológico no qual o universal da cultural aparece como algo individual.

Concretizando: as práticas da “Diversidade Cultural” são fundamentalmente processos que tem uma dinâmica especifica que se manifesta em formas especificas. A estas formas pertencem manifestações como tradições orais, o narrar, o cantar, o dançar, práticas sociais, rituais, festas, conhecimentos e as praticas de relacionar-se com a natureza e com o universo, habilidades artesanais e performáticas.

Nessas práticas os seres humanos se expressam, se encenam imaginários sociais, de si mesmos e representam os aspectos da sua cultura.

Na declaração da UNESCO de 2003 esse tipo de conhecimento baseado no corpo humano é caracterizado como “herança imaterial da cultura”, diferente da herança material da cultura, cuja materialidade sobrevive séculos após séculos, essa herança é fixada na materialidade, plasticidade e mortalidade do corpo humano.

Esclarecendo melhor estas formas e práticas imateriais utilizando três das suas dimensões.

a) A importância do corpo humano b) O caráter performático das práticas culturais (Rituais) c) A aprendizagem mimética

A importância do corpo humano

O processo das práticas de Diversidade Cultural tem o corpo humano como principal “médium”. Isto se realiza com o corpo, todas as encenações, rituais, apresentações são sempre baseadas numa determinada imagem, num determinado conceito do corpo. Aqui encontramos formas diferentes de um conhecimento prático do corpo que possibilitam o encenar e realizar rituais e práticas sociais.

O caráter performático das práticas culturais

Rituais pertencem as práticas mais importantes dos processos de diversidade culturais. Rituais têm uma enorme riqueza de funções sociais. Práticas rituais ajudam a organizar a passagem de um status social para outro. Práticas rituais encenam os acontecimentos marcantes como nascimento, morte, casamento e muitas outras. Rituais são indispensáveis na construção de: comunidade e cultura. Eles produzem algo como “o social” – fundamentalmente diferente dos mecanismos de uma identidade coletiva.

Rituais e práticas tem uma caráter performático aqui se encontram três aspectos importantes.

O primeiro aspecto acentua a relevância do “caráter performático” da linguagem (veja John Austin (1962, “How to do things with words”). Se alguém numa cerimônia de casamento diz “sim” então ele realizou num nível da

linguagem uma ação, com a qual se realiza o casamento. Isso muda a vida dele.

O segundo aspecto sublinha que rituais são encenações representadas nas quais uma cultura se representa e se expressa. Com o auxílio de estas práticas as comunidades produzem uma continuidade entre as tradições e as necessidades do presente.

O terceiro aspecto sublinha o lado estético de rituais e representações. Os rituais nunca podem ser reduzidos unicamente a sua função. Rituais são janelas de uma comunidade que possibilitam entender a própria cultura e sua dinâmica.

Aprendizagem mimético

Processos miméticos são processos de imitação criativa, que se relacionam com modelos e exemplos, aqui acontece um processo onde o sujeito vai se assemelhando a algo (Exemplos). Este processo é muito diferente de um sujeito para o outro, isso vai depender da maneira na qual o seres humanos se relacionam com o mundo, com os outros seres humanos e consigo mesmo.

Nos processos miméticos, o aprendiz, produz quase “um molde, uma reimpressão do mundo social” transformando este mundo numa parte de si mesmo.

A herança imaterial e cultural é transportada para a próxima geração nestes processos, e com isso é transformado nas necessidades e sentidos pessoais dessa próxima geração.

Processos miméticos são sensuais ligados ao corpo e são realizados muito freqüentemente no inconsciente.

5. Duas culturas de aprendizagem de crianças como exemplo de „Diversidade Cultural“

Hoje escola e educação se disseminaram pelo mundo com a mesma função e o mesmo modelo, sendo mais ou menos iguais.

“Escola” é hoje uma universalia histórica tem a sua origem na Revolução Francesa e rapidamente se espalhou pela Europa, posteriormente ganhando mundo afora. Um típico modelo eurocêntrico com todos os aspectos que já apresentei anteriormente.

Apresentarei a seguir estes dois exemplos que para mim são representativos da forma de formas diferentes de aprendizagem.

Crianças e sua aprendizagem no povo indígena ENAWENE - NAWE

Esta experiência nos foi relatada por Gilton Mendes dos Santos⁸, antropólogo da USP que trabalhou durante cinco anos com o povo Enawene-Nawe.

O recém-nascido enawene-nawe (tanto homem quanto mulher) é, ainda, identificado de muitas formas no corpo social: pelo corte de cabelo, pelo uso de um brinco de tucum (*Bactris* sp) e por estreitas e delicadas tornozeleiras e pulseiras tecidas com algodão. Assim, sucessivamente, os adereços vão marcando as diferentes faixas etárias e sexuais da vida de uma pessoa, assinalados de forma visível no seu corpo. Brincos, braceletes, tornozeleiras, caneleiras, colares, tatuagens, adorno peniano etc constituem o repertório dos marcadores do tempo social, indicando as fases e categorias de idade, de posições e papéis sociais.

Antes da entrada na fase adulta, toda criança está desobrigada de qualquer responsabilidade social ou familiar. Atividade de criança é exclusiva e notadamente de criança, identitária da fase pré-adulta, como subir em árvores e mergulhar nos rios, matar e brincar com passarinhos capturados, deslanchar pelas poças de água no pátio da aldeia etc. Os universos adulto e infantil são bem demarcados: gente grande não se envolve com “coisas de criança”.

Boa parte das brincadeiras infantis, entretanto, é inspirada na repetição e imitação das atividades e atitudes dos adultos, mas nunca de imitar papéis desempenhados pelos *homens e mulheres na vida social*. *Nenhuma criança brinca de xamã (sotayri/loti), de feiticeiro (iholalare/lo), de benzedor (hoenaytare/lo) ou conhecedor de remédios (baraytare/lo), funções muito bem*

⁸ Conferência proferida por Gilton Mendes de Santos no Simpósio Internacional “Espaço e Identidade” na Universidade de Siegen – INEDD -, Alemanha, em novembro de 2003.

definidas e conquistadas somente na fase madura. Por outro lado, as crianças participam efetivamente de todas as atividades dentro ou fora da aldeia. Guardadas as proporções e limites, elas ajudam na pesca, na coleta de frutos e mel, colaboram no plantio de roças, buscam lenha, ralam mandioca, cuidam dos irmãos mais novos, fiam algodão e preparam alimento. Quando já próximas da vida adulta, homens e mulheres participam cantando, tocando e dançando “seriamente” nas cerimônias rituais.

Um rápido olhar sobre esta experiência de vida nos indica, portanto, que os domínios do lúdico e do trabalho se misturam, se mesclam e se amalgamam num movimento de aprendizado, onde não se nota com clareza os limites de um e o começo do outro. Este parece ser o exercício da “educação”, da socialização de pessoas no tecido cultural Enawene-Nawe.

Com o avanço da idade, as pessoas vão sendo poupadas do tempo integral das atividades cotidianas e, sobretudo, daquelas extraordinárias – como construção de barragens e casas – e excluídos de outras, mas nunca deixam de participar da vida social de forma efetiva. Os anos trazem as marcas da sabedoria e da matéria histórico-cultural impressas na memória: os velhos são depositários da cultura, das teorias nativas e do saber sobre o mundo e a ordem das coisas.

Nesta sociedade ninguém ensina nada às crianças, não existe nenhuma pedagogia para crianças, não existe nenhuma didática, porém todas as crianças aprendem, todas elas se transformam em adultos, se sociabilizam, se profissionalizam.

Qual seria o mistério de este processo de aprendizagem sem ensino?

Crianças e sua aprendizagem com Professor Falko Peschel /Alemanha⁹

Trata-se de um projeto concreto de quatro anos numa escola elementar, em que um professor deixou nas mãos dos alunos da primeira a quarta série a organização do processo de ensino-aprendizagem.

Neste projeto não existiam livros didáticos, nem currículo, nem jogos pedagógicos, nenhum destes elementos da parafernália pedagógica a que

⁹ Falko Peschel apresentou esta experiência como tese do doutorado na Universidade de Siegen (veja 2003; 2003a e 2003b).

estamos acostumados. Existiam folhas em branco que as crianças deveriam preencher com suas idéias, seus conceitos, suas necessidades e seus desejos. Claro que existiam materiais auxiliares para este processo, mas eram os instrumentos mais simples, mais básicos: listas de letras, de números, de posições para sistema numérico, etc.

Foram 32 alunos que começaram, com seis ou sete anos, uma primeira série muito diferente das outras. Eles deveriam organizar seu dia de escola: conteúdos, organização, disciplina, horário e, sobretudo, relações com o conhecimento. As diferenças existentes entre as crianças, respeitadas e aceitas, foram básicas para esta forma de auto-organização e auto-regulação. A abertura foi o princípio fundamental desta aprendizagem. Todos os alunos aprenderam a ler e escrever; foi um processo mútuo de aprender e ensinar ao mesmo tempo. Quando os alunos queriam aprender, eles mesmos se ocuparam em esclarecer o conteúdo, organizar os materiais necessários, decidir os caminhos a percorrer. As crianças aprenderam a escrever e através do escrever aprenderam a ler. A ortografia não foi aprendida por leis gramaticais ou exercícios repetitivos e cansativos, mas pela prática de escrever e ler e olhar.

Ao final dos quatro anos de trabalho, o professor pediu uma avaliação externa, rígida e severa de acordo com os padrões da educação formal na Alemanha e o resultado de todas as crianças com respeito à capacidade de escrever, à compreensão de textos, ao conhecimento de ciências naturais e exatas foi 40 por cento superior ao da média nacional. E o mais importante foi que todas as crianças entraram no ensino secundário (correspondendo à segunda etapa do ensino básico no Brasil) com uma bagagem de segurança e auto-estima não contabilizada na avaliação externa.

Muito mais surpreendente do que os resultados obtidos no currículo foram os resultados da integração social destas crianças que, em vez de apresentarem padrões e regras comportamentais, determinavam cada minuto de convivência pelo direito de opinar e decidir e por um respeito efetivo, e não demagógico, à decisão da maioria.

Neste exemplo o que nos surpreendeu verdadeiramente foi a autenticidade das relações existentes entre alunos e professor. Todos se debruçaram sobre um problema real: como aprender o que a sociedade exige

sem ferir a originalidade, a unicidade, o tempo individual e a necessidade social de cada um de seus membros. E mostraram que se pode aprender mesmo aquilo que um currículo estranho define, sem usar essa pedagogia arrogante que se outorga o direito de definir não só o que estudar, mas também como estudar porque dita o que é bom para cada um, reduzindo todos à uniformidade e por isso mesmo perdendo a riqueza das relações com a alteridade.

Eu gostaria de pedir a vocês que reflitam sobre a importância :

- Do corpo como “médium”
- da aprendizagem mimética
- das performances em forma de rituais nestes dois exemplos radicalmente diferentes

Estes três níveis representam a práxis de Diversidade Cultural. A “Diversidade Cultural” receberá uma importância imensa no processo de globalização. As suas práticas permitem no contexto da globalização a experiência de “alteridade”. Somente com a ajuda destas experiências, poderemos relacionar-nos com alteridade e diferença desenvolvendo ou construindo um interesse no não idêntico.

Globalização com a negação da “Diversidade Cultural” traz consigo o perigo da homogeneização, impedindo qualquer movimento e assim concretizando uma estereotipia mortal para o desenvolvimento humano.

O encontro com a „Diversidade Cultural“ ajuda aos seres humanos a perceber o que não é compreendido, o que não é entendido e o que é reprimido na própria cultura.

Esta experiência possibilita que cultura não é um arsenal, um depósito de significados, experiências e valores, mas a cultura é sobretudo uma fronteira. Essa fronteira aparece somente quando ela é transgredida.

Um resumo teórico e filosófico:

As varia formas do comportamento, da atividade e da consciência humana são constituídas e relacionadas por um espaço antropológico que se abre mediante

signos e símbolos. Assim este espaço antropológico se pode caracterizar fundamentalmente como um espaço simbólico. Este espaço não existe numa forma abstrata ou metafisicamente geral, este espaço sempre é ao mesmo tempo espaço de uma determinada cultura. Nesta perspectiva cultura não é algo que tem uma substancia em si mesma, assim como também não um contexto de funções que estão por atrás dos signos e símbolos. O significado dos signos e símbolos não se pode deduzir empiricamente ou funcionalmente. O real significado deles só pode ser encontrado na realidade da sua prática e no seu uso. São os comportamentos simbólicos nos quais são negociados os códigos que determinam o que vai ser a realidade numa determinada cultura.

Comportamentos simbólicos não se delineiam da experiência, pelo contrario eles possibilitam experiências. Cultura para nos é aquele contexto discursivo constituído concretamente pelos comportamentos simbólicos de uma sociedade.

Agora, se queremos entender e analisar o que os usuários de símbolos e signos realmente fazem, será necessário uma mudança da perspectiva. Devemos apreender a posição dos sujeitos, colocar-nos na sua situação - o que não é fácil...

Bibliografia

Austin, John W. (1962): *How to to things with words*. Ed. J.O Umson.Oxford. Clarendon.

Bernard, F. (2005): Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural. Em: BRANT, L. (org): *Diversidade Cultural: Globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas*. São Paulo. Escrituras. 2005, p 73 a 82

Baumann, Zygmunt (2007): *Vida para consumo – A transformação das pessoas em mercadorias*. Zahar Editora.

Da Silva, T.T, (org.) (2007): *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes.

Huntington, Samuel. 1996. *The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order*. New York: Simon and Schuster.

Lopes, A. H., Calabre, L. (organizadores) (2005): *Diversidade Cultural Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa.

Peschel, F. (2002): *Offener Unterricht – Idee, Realität, Perspektive und ein praxiserprobtes Konzept zur Diskussion. Teil I: Allgemeindidaktische*

Überlegungen. Teil II: Fachdidaktische Überlegungen. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren.

Peschel, F. (2003): Offener Unterricht – Idee, Realität, Perspektive und ein praxiserprobtes Konzept in der Evaluation. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren.

Throsby, D., Laléye (2004): Diversity Cultural. British Council. London.